

23126



# O Gaiato

28 DE NOVEMBRO DE 1970  
ANO XXVII — N.º 697 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## OS DIREITOS DA CRIANÇA

**E**m frente à mesa de trabalho, o quadro com a Declaração dos ditos, assinada por três Ministros e um Director Geral. Sobre a mesa, cartas: duas, agora; mas quantas..., se as fôsse buscar, gemendo impotência perante males remediáveis, que a incúria ou fariseísmo dos homens deixarão tombar em tragédia.

Há quantos anos gritou Pai Américo: «É mais barato prevenir crimes do que sustentar criminosos»? Voz clamando no deserto, mesmo com Direitos da Criança declarados universalmente e confirmados, para a nossa terra, por quatro responsáveis na coisa pública!

x x x

Foi há meses. Estavam então os dois irmãozitos, de 9 e 5 anos, no Hospital da Régua. Não têm mãe. O pai tem cirrose e há mais de um ano teve operação marcada, mas não compareceu. Vivem todos, mais um irmão de dezoito anos, anormal, numa velha carroça. Há ainda uma irmãzita de 7 anos que, felizmente(!), estava também no Hospital.

O pai «concerta potes», segundo informação vinda de Medrões, de onde ele é e onde

«ele esteve uma três vezes desde que aqui sou Pároco» — e pelo menos, há desasseis anos que o é.

Este o quadro sem moldura, mesmo como o singelo mas digno caixilho com que mãos gentis cá da Casa enriqueceram o da Declaração dos Direitos...

Os pequenos estavam no Hospital e também não nos era possível recebê-los logo. No Verão chamámo-los. A pessoa inquieta pelo seu bem não os achou. Aproximava-se o tempo de vindimas e a velha carroça e seus moradores andavam por lá, sem paradeiro certo. Reapareceram há dias. E a minha correspondente escreve:

«...Verificou-se que o pai não estava muito conformado em deixar ir os rapazes para não ficar só e, infelizmente para o

Cont. na TERCEIRA página



Um belo recanto da nossa Casa de Benguela! O edifício ao fundo serve de armazém e de garagem das máquinas agrícolas.

por outra. Há os que gostam mais de vender no Lobito porque trazem mais acréscimos. Para eles conta muito. É natural. Outros gostam mais de vender em Benguela. Mas não há dúvida que os do Lobito têm vencido sempre... Tenho que me convencer perante os factos! Enfim, a hora das contas da venda de «O Gaiato» é sempre muito animada.

x x x

Damos conta do que nos deram nestes últimos dias. Do grupo de amigos da Lupral 760\$00, de Set.o; e 840\$00 de Out.o. Têm sido admiráveis de perseverança. Que esta migalha nunca lhes venha a fazer falta na sua mesa. De Lobito, 20\$00; a um vendedor 10\$00; de uma mãe da Catumbela «pela alma de seu filho» 200\$00; de Benguela 100\$00; outra vez de Catumbela, 350\$; e 4.770\$00 do pão do mês. Bem hajam.

Padre Manuel António

## Aqui Lisboa

Por declarações públicas vindas a lume na Imprensa, o Presidente da Câmara de Lisboa comprometeu-se a mandar arrasar uma barraca por cada habitação erguida, o que equivale a tornar realidade uma ideia muito querida a Pai Américo e que se poderá traduzir pelo «slogan» seguinte: «Por cada casa construída, uma barraca destruída».

Entretanto, o Presidente cessante de Loures, afirmava na despedida das suas funções que cerca de cinquenta mil dos seus habitantes vivem em condições precárias, enquanto um dos Vereadores, na posse do novo Presidente, recentemente empossado, afirmou existirem mais de 6.000 barracas no respectivo concelho.

A referência às declarações citadas insere-se no propósito já aqui denotado de insistir que não pode haver uma solução lisboeta mas que tem de forjar-se uma resolução de conjunto, sob pena de se malograr todo o esforço, por mais e melhor intencionado que seja. Transferir os males de uma zona para outra é agravá-los e eternizar o problema, com o fomento à avidez de uma série de oportunistas sem escrúpulos, para quem o rigor das leis nunca será demasiado. Ter barracas na Musgueira, em Odívetas ou em Algés, tanto faz. Eliminá-las na primeira zona para as ver surgir nas outras é que não tem sentido.

Pensamos que a gravidade dos óbices e meandros requer a supervisão governamental, até porque o volume de verbas necessário escapa às possibilidades

Cont. na SEGUNDA página

Conversámos, há dias, com dois senhores amigos que andam metidos pelos caminhos dos Pobres. Eram vicentinos. Traziam consigo o desenho de uma casa para abrigar os que a não têm, nem podem tê-la, se não houver quem lhes dê a mão. E os vicentinos, que dão a mão aos Pobres de tantas maneiras, querem ir mais além; querem que os Pobres tenham o seu lar. E vão construir. Não têm dinheiro depositado. Mas têm a certeza de que a obra será uma realidade porque já começaram a construí-la no seu coração. Não conhecemos outro método de levantar as obras de Deus ao serviço dos homens. Primeiro constroem-se no coração. Esta é condição necessária do êxito. Para a frente!



A Igreja é Mãe. Gera todos os dias novos filhos pelas obras de Misericórdia. Não há outro caminho para tornar a Igreja presente, querida e salvadora.

x x x

Venda de «O Gaiato». — Quem devia assinar este cantinho eram eles, os vendedores.

Têm sempre muito que contar quando chegam a Casa. São muito sensíveis à delicadeza com que os tratam. A família da Obra da Rua cresce através deles. O carinho, o respeito com que falam dos seus «fregueses» — é a nota dominante. Não posso deixar de falar no despique que há entre Benguela e Lobito. Há os que «torcem» mais por uma cidade do que

# PELAS CASAS DO GAIATO

## BENGUELA

Mais uma vez aqui me têm a dar-vos notícias nossas.

A nossa vida tem corrido da melhor maneira.

Há dias recebemos mais alguns rapazes, moços esses que necessitavam de um lar, de ter alguém que lhes desse conforto, não só material mas também moral.

E isso vieram encontrar no meio desta comunidade já tão numerosa. Pena é não podermos receber todos os que precisam de nós.

Mas vós sois capazes de fazer alguma coisa para que o nosso P.e Manuel possa receber mais rapazes. Tudo depende de vós.

Vós tendes possibilidades de fazer com que nós possamos socorrer tantas almas que esperam.

**Construções** — A casa de habitação de que já vos temos vindo a falar, está quase atingindo a fase final; mas para isso ainda vai ter que gastar bastantes azulejos, mosaicos e louças.

**Lavoura** — Felizmente nunca passámos sem legumes para as nossas refeições.

**O Natal** — O fim do ano aproxima-se. E o princípio do ano também.

E por vos falar em fim do ano — o Natal está-se aproximando. Quero-vos lembrar para que não se esqueçam dos nossos batatinhas; eles todos os anos no Natal, têm ficado radiantes com os brinquedos que lhes dais. Por isso, estou a lembrar-vos para que, quando sobrar alguns brinquedos aos vossos filhos, não os deiteis fora porque os nossos moços receberão com todo o gosto.

Barradas

## MIRANDA DO CORVO

**Vindimas** — Fizemos a nossa vindima, um dos dias de maior alegria na nossa comunidade.

Tivemos bastante vinho, que beberemos durante todo o ano com satisfação.

**Futebol** — Como deves saber, caro leitor, o nosso desporto preferido é o futebol.

Contudo, já há tempos que não damos notícias dele. Acontece, porém, que o nosso campo está em reparação para que nos possamos distrair e realizar alguns jogos. Uma das nossas Casas ofereceu-nos já dois equipamentos. Contudo, não é o bastante.

Depois de ter balizas novas, bancadas arranjadas, há que preparar a equipa.

Ainda nos falta alguma coisa. São

sapatilhas ou chuteiras para que possamos jogar. Haverá, caros leitores, em vossas casas, umas sapatilhas ou chuteiras de vossos filhos, que não sejam precisas? Se no-las quiserdes enviar, fazem muito jeito.

Houve também alguém que nos deu uma bola de couro. Uma oferta oportuníssima! Agradecemos a valiosa oferta. Em suma, podemos contar com a vossa participação? Desde já agradece o

A. M.

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Há longo tempo fomos alertados pela situação irregular de um casal idoso. Tentámos botar-lhe a mão. Era (e é) caso difícil. Tanto, que numeroso grupo de familiares, desiludido (homens de trabalho e vida limpa, um de'les, mesmo, agente de autoridade), motivou e pressionou aquela nossa precária acção.

O primeiro passo, como simples recoveiros, foi um ensaio — para avaliar o comportamento. Não nos deslumbrávamos com a solução última do problema — a união...

Que procurámos, então? O corpo mais decaído, entorpecido — sem nos propormos julgar... Justiça verdadeira (por muito que doa aos homens...) só a do Justo Juiz. Ele é que é.

O Vicentino destacado procurou o ancião — como amigo. Não buliu nas feridas. E à despedida, mão fechada, tentou presentear o pobre velho com lembrança discreta. Que não — foi a resposta. O moço, com humildade, aceitou a reacção.

O tempo correu veloz. E o nosso velho — que fora homem de trabalho e de cerviz direita (aqui está o motivo...) — decaiu miseravelmente.

Entretanto, recebemos, há dias, novo S. O. S.: — **F. precisa já de roupa dos pés à cabeça...** Foi logo. E para casa de parente afastado onde come o caldo. Princípio de mudança? Olhos na roupa decente mira o trajo de farrapos. E barba descomunal. Decide-se, então, pela integração no meio. Corta as

## AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

dos municípios mais ricos, como o de Lisboa. De resto, o espírito de «capela», de que tanto enfermamos todos nós, será sempre um obstáculo de tomo à resolução das dificuldades e não podemos esquecer que as soluções dos grandes problemas sociais, como o da habitação, são profundamente políticos e como tal têm de ser equacionados do Cume. E é urgente passarmos das palavras às obras.

Padre Luís

as repas. Lava-se. Prepara-se. Torna-se um homem normal.

Caso curioso: domingo passado — sem espírito santo d'orelha — participou, inclusivé, na Missa paroquial. Gesto de súplica, de acção de graças? Um acto de fé, marcado pelo **Óbulo da Viúva!**

Após a Missa — contou-nos uma enamorada dos Pobres — cavaqueou alegremente, descontraidamente, com um amigo: — «Olhe, agora, apesar de velho, com poucas forças, inté m'apetece fazer biscoites de carpinteiro, e podar...»

Quere ganhar o pão com o suor do rosto. Promover-se. Emancipar-se.

Este quadro vivo é lição. Que o Senhor nos abra o melhor caminho para levantar completamente este homem. Para que ele se sinta, pró futuro, como domingo passado — um

homem novo, como os outros, sem humilhações, sem frustrações. Vamos tentar conseguir trabalho adequado. E estudar o problema da moradia. O que for preciso.

X X X

**O QUE RECEBEMOS** — Abre a habitualíssima presença da assinante 17022. Mais esta carta, muito simpática, da assinante 20369, residente em Pacific Grove — América:

«Junto a esta 3 dollars que são destinados à vossa Conferência.

«Acabei de ler O GAIATO que recebi hoje, embora atrasado pois é de 5 de Setembro; mas chegou. E vi que não têm recebido muito para a Conferência. O que vai é pouco. Mas pouco de muitos faz muito. Porque nem todos podem dar e, infelizmente, quem tem muito que dar tem

pouca vontade de o fazer. «Os meus cumprimentos, rogando ao Senhor os continui a ajudar e a dar boa vontade a quem os podia ajudar materialmente...»

Mais 20\$00 de velha amiga, dos CTTU, de Lourenço Marques.

Finalmente, de Trás os Montes, uma nota de 500\$00 e uma legenda, em papel de carta:

«Com os meus cumprimentos, envio esta lembrança para a vossa Conferência, em acção de graças pelo fim de curso de pessoa de família que vai casar brevemente, com o pedido de orações.

«Gosto de ler «O Gaiato», mas não vez lá o meu nome.»

Voto cumprido.

Um bem haja para todos os nossos Amigos.

JÚLIO MENDES

# CAMPANHA DE ASSINATURAS

O andamento da procissão é tão cadenciado — e relevante o testemunho prático dos seus participantes — que exultamos no Senhor Todo Poderoso, pelo trabalho consciente, inteligente, daqueles que, sem medo a tempestades, se lançam à cata de novos leitores para o «Famoso».

● «SÃO POUCOS MAS VAMOS INDO DEVAGAR»

O mundo anda tão cheio de preocupações e banalidades, mas tão sequioso de Ideal! Dillo a correspondência de todos os dias. Mesmo este pequeno recorte de uma carta de Benoni (Transvaal — África do Sul):

«Os nossos cumprimentos... «Vimos trazer à Obra da Rua mais quatro novos assinantes. São poucos, mas vamos indo devagar...»

Esta compatriota quer dizer que não pára. São poucos, mas vamos indo devagar... E há muitos a agir desta forma. Com a discreção que é timbre do «Famoso».

● MAIS ÁFRICA!

Mais África! É Nacala. Um Pastor de almas à frente das suas ovelhas. Assim, quem resiste?! Ouçamos:

«Meus caros amigos: «O nome do «Famoso», da Obra da Rua e do Senhor incarnado na pessoa dos que precisam, continua a difun-

dir-se. Lentamente e devagarinho, mas o que importa é lançar a semente. Ela germinará no tempo oportuno. O Senhor não dorme...»

«Agora vão mais duas assinaturas e estas, já vieram de Nampula, trazidas por uma pessoa amiga.

«O dinheiro... vou enviá-lo para Lourenço Marques, ao Padre José Maria... São 530\$. É muito pouco para tantas necessidades, mas sempre é uma migalha...»

Em África trabalha-se a sério: lentamente e devagarinho, mas o que importa é lançar a semente. Por isso, acrescenta e friza este nosso Amigo: Ela (a semente) germinará no tempo oportuno. O Senhor não dorme... Nacala dá cartas! E continuará. Como, quando, onde, não importa. Interessa — e muito bem — lançar a semente, que o Senhor não dorme. Mais uma viva pra Nacala!

● PORTO E LISBOA

Registamos, hoje, ligeira diminuição de presenças lisboetas e tripeiras! Andamos tão afeitos a bateladas das duas grandes urbes — por natureza os maiores polos de desenvolvimento da Pátria de Camões — que damos logo fé. No entanto, entre os caminhantes, surge o lamento de uma Viúva. Aqui está:

«...Gostaria de poder indicar mais assinantes; porém, as minhas relações são restritas e as pessoas com quem as

mantenho e a quem muito falo na vossa Obra são já quase todas assinantes. E as que não são, ou não têm possibilidades ou estão já assoberbadas com outros encargos... Os empregados pobres — como é o meu caso — fazem verdadeiros equilíbrios para ajudar e cumprir assim, na medida do possível, as obrigações morais que têm em prol dos necessitados. Que Deus vos acompanhe...»

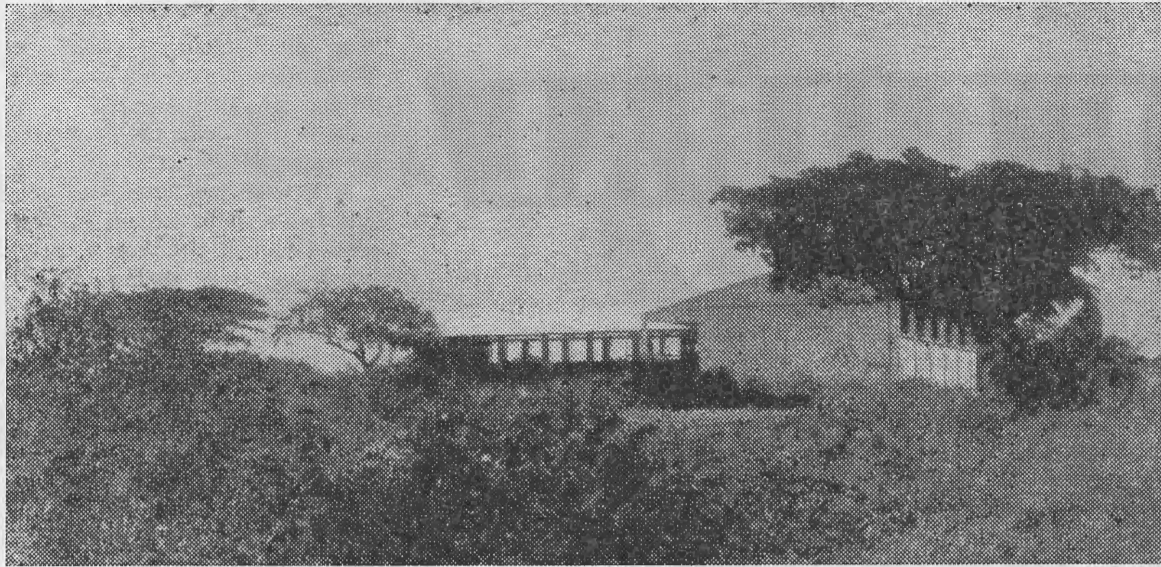
Aqui temos o Óbulo da Viúva. Não há melhor forma de sacudir escribas e fariseus, do que dar à estampa estes quadros vivos. Quem será capaz de cruzar os braços? A sua carta — estimada assinante 18334 — vai abrir os olhos a muita gente!

● NO MEIO DA PROCISSÃO

Entre o grupo de caminhantes, que segue no meio da procissão, notamos a ausência de Angola. E numerosas presenças de Lourenço Marques, S. Pedro da Cova (Gondomar), Pedrouços (Areosa) e Castelo Branco. É gente viva. De antes quebrar que torcer. Mais; até dos novos (dos novos leitores, entenda-se) já há muitos dispostos a ir, também, prá rua! Bom sinal. Nunca — como hoje em dia — os meios de comunicação foram alavanca tão indispensável à difusão da Verdade, da Justiça, do Mandamento Novo.

Para todos, felicidades e votos de farta colheita.

Júlio Mendes



LOURENÇO MARQUES — O IMÓVEL DAS OFICINAS.

Acabo de ter a meu lado dois fugitivos.

Victor está cá vai para três meses. A sua alegria e boa disposição não me deixavam entrever uma fuga. É um rapaz cativante. Corpo perfeito e bem proporcionado para os seus 9 anos. Cabeça bem feita com cabelos loiros, rosto delicado.

Um tipo de beleza clássica, digna dum cinzel de Miguel Angelo ou dum pincel de Fra Angélico.

Meigo, submisso, alegre e de trato delicado, irradia simpatia.

Não fora um certo ar de malícia no olhar e um vínculo de ironia no sorrir, diria estar em presença dum ser angélico. Porém, a rua já o maculou e lhe fez perder um pouco todo o esplendor de candura que à primeira vista nos aparece.

Miguel, é o contraste físico

## TRIBUNA de Coimbra

e caracterológico do Vitor.

Pequeno de estatura, feições grotescas, cabeça um pouco grande, cabelos negros e espessos. Seus músculos, desconformes para a pequenez do corpo, dão-lhe um ar de mini-hercules e de saltimbanco que, na realidade, ele é.

Tem onze anos e o record de fugas: **Só dezasseis**, em dois anos de vida connosco! Temperamento aventureiro, belicoso, matreiro. Miguel é, porém, simpático e atraí. O seu riso

aberto faz-nos lembrar o Anão Sabichão da Branca de Neve.

Conversámos um pouco sobre o motivo da fuga.

Victor diz ter sentido saudades dos seus e, como a mãe não lhe respondeu a um postal, não aguentou mais.

Miguel, como bom colega, foi indicar ao Vitor o caminho de Tomar, que ele bem conhece das suas fugas e, ao mesmo tempo, passar por lá uns dias.

Resumindo: Saudades da família para um, e da aventura da rua para o outro. Mal nenhum nisto.

Porém, quis saber se se sentiam oprimidos cá em Casa. Que não. Até gostavam de cá estar.

Mandei-os embora e fico a magiar no que sentirão estas crianças assim divididas entre dois amores: saudades do que deixaram e gosto de cá estar.

Há dentro deles uma luta de opção que só o tempo e o amor que lhes dermos decidirá.

Até lá, as suas vidas tranquilas, tranquilas e felizes que deviam de ser, já sentem as sombras do drama duma existência dividida.

Como todos seríamos felizes se não houvesse razão para existir Casas do Gaiato!

Padre Abraão

# Os DIREITOS DA CRIANÇA

Cont. da PRIMEIRA página

futuro deles, antes prefere vê-los naquelas condições, passando fome e andando com eles de terra em terra, pois que até retirou um da escola, como também fui informada.

Como há pais, ainda hoje, que contribuem para a desgraça dos seus filhos, quando estes podiam ter um futuro feliz e serem homens de bem, amanhã!

Ainda pensei que uma Autoridade Judicial pudesse obrigar aquele pai a deixar ir os seus filhos para essa Casa, mas já me disseram que não se consegue essa obrigação.»

por a não ver já há muito tempo e por ter sido instigado por um colega mais velho (?).

Declarou ainda que se voltar para esta Casa de novo fugirá.»

Esteve connosco cerca de 15 dias. Terão mudado substancialmente em tão breve período, as circunstâncias que motivaram «o seu internamento nesta prestigiosa Casa — penhor seguro da sua recuperação? Ou será preciso que ele tenha mesmo processo pendente num Tribunal, para a lei ter força de se ocupar da sua pessoa?

X X X

X X X

Um Curador de Menores, com quem dá gosto trabalhar pela sua maneira simples e expedita de tratar os problemas, pediu-nos abrigo para um garoto de 11 anos, o «Tó», bem conhecido na cidade da sua residência.

«O referido menor dedica-se, quando lhe é possível, ao furto, muito embora não tenha pendente neste Tribunal qualquer processo.»

«A Mãe já não vai tendo pulso para o educar, e o menor, assim andando, virá a enveredar pela senda do crime.»

O pai — dizia-se na declaração da mãe, «comprometendo-se por sua honra a não retirar da Casa do Gaiato este seu filho, enquanto a Direcção da mesma o não entender oportuno» — está ausente em parte incerta há já seis meses.

O pequeno veio no fim de férias com vários que preencheram as vagas então existentes. Como é natural e frequente reagiu na sua adaptação e, com outro recém-vindo dos mesmos lados, fugiu.

«Ouvido no respectivo processo, declarou ter fugido por ter muitas saudades da mãe,

Visado pela

Comissão de Censura

Passados dias, do mesmo Curador, outro pedido para outro moço de 11 anos, este sem mãe, pai consertador ambulante de chapéus de chuva, despedido de um estabelecimento de assistência local «por motivos de cleptomania e eunurese nocturna».

Ferido pela fraqueza de autoridade manifestada no caso anterior, pus reservas: «E se o moço lhe dá para ter saudades, como é normal e até positivo?! No nosso regime de porta aberta vai-se com toda a facilidade... Que garantias temos nós de estabilidade?»

Veio a resposta: «Não me parece que o menor fuja dessa Casa e no caso de tal vir a acontecer tenho a palavra do pai que, aqui no meu gabinete de trabalho e perante o menor, me afirmou levá-lo de novo aí «pelas orelhas».

Mais que isto não posso garantir.»

O sublinhado é nosso, para sublinhar a fragilidade da lei.

X X X

E a «Declaração dos Direitos da Criança»?...

Essa diz:

«A criança deve beneficiar de uma protecção especial e ver-se rodeada de possibilidades e facilidades concedidas pela lei e por outros meios, a fim de se poder desenvolver de uma maneira sã e normal no plano físico, intelectual, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Na adopção de leis para este fim o interesse superior da criança deve ser a consideração determinante.»

«A criança deve ser protegida contra todas as formas de negligência, de crueldade e de exploração. Não deve ser submetida a nenhuma espécie de tráfico.»

E diz e diz e diz.

Infelizmente, s o b r a m-nos oportunidades de voltarmos ao assunto.



### CANTINHO DE POESIA

## Ser

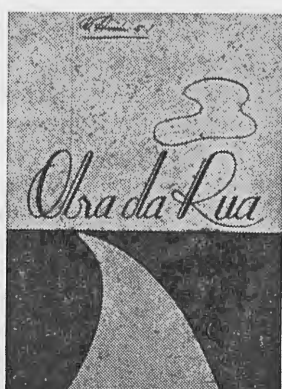
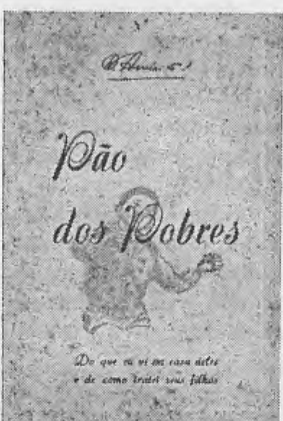
Por mim passando vão as horas como folhas  
Que por mim roçam  
E tombam sombrias...

Mas eu não findo!  
— Mais do que as coisas sou e mais que os dias.

Monte das Oliveiras, Outubro de 1970

SANTOS SILVA

# AS NOSSAS EDIÇÕES



Pedidos  
à

EDITORIAL

DA

CASA

DO

GAIATO

Paço de Sousa

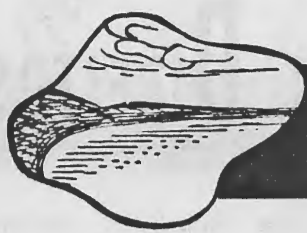
É uma tarefa imposta hoje pelas condições da vida que nos rodeia. Podemos mesmo afirmar a disjuntiva: ou avançamos com a educação e a instrução; ou seremos forçados a resignar-nos na derrota. Todos os responsáveis pela condução dos homens, desde a família ao Estado, são hoje chamados à pedra por esta razão. Aos «promotores da Justiça», sejam eles católicos, ou de outra confissão, compete suscitar «missionários» apaixonados por esta tarefa.

A nossa escola começou, este ano, nos primeiros dias de Setembro para a 1.ª e 2.ª classe de Instrução Primária. Durante as férias grandes, organizámos um curso de adultos para os que, com mais de 14 anos, não tinham ainda o exame da 4.ª classe. Como, desde há três anos, pagámos a professor, fomos buscá-lo a Setúbal todos os dias. Preparámos toda a papelada, desde os requerimentos em papel selado (tem de ser!) até aos atestados de residência. Pagámos os cem escudos do selo! (Valha-nos Deus! Quando é que isto acaba?!...) Os rapazes fizeram exame. Passaram cinco. Um reprovou.

Sempre que os adultos vão a exame, vou com eles. Gosto de ir. Alegro-me ver a multidão dos que aguardam a chamada à porta das salas de exame por pensar: — É mais toda esta gente, que deixa de ser analfabeta.

Entristece-me ver repetidas e aumentadas as multidões. Que se passa?

A Telescola entrou já na



# SETUBAL

mentalidade dos nossos como curso corrente. São vinte e dois deles os que a frequentam no 1.º e o 2.º ano. Abrimos também as portas aos vizinhos. Alguns filhos de gente pobre ou doente, não pagam nada. As salas estão cheiñas! O salário dos monitores é da nossa conta, o transporte deles também, o televisor, a corrente, o mobilário, as salas e os recreios do mesmo modo. É tudo da nossa conta.

Nos cursos nocturnos e diurnos da Escola Técnica, estão vinte e dois. Para eles mobilámos no princípio do ano duas salas de estudo. Uma secretária para cada um. Uma cadeira estofada. Ambiente acolhedor e alegre!

Mandámos o Vasco para Coimbra! Em Setúbal (parece incrível!) não havia o terceiro ano do curso liceal externo. O Vasco tem vinte anos. Veio para nós aos 14. Foi, em pequeno, vítima de paralisia infantil. É deficiente motor: quer estudar. Valeu-me sermos Obra, e Coimbra abriu-nos a porta no Lar do Gaiato e no Colégio Pedro Nunes gratuitamente.

Sempre em Setúbal, tivemos portas abertas «a quantos quiserem» no Externato do ensino liceal. A porta, este ano, fechou-se. A instituição mudou

de dono. Começámos a pagar como qualquer pai de família rica. Aguardo.

A lei não permite entrada no ensino oficial após determinada idade. Nós não temos idades! A necessidade, a carência e até a fome de cultura e o forte desejo de estudar dalguns, obriga-nos a pagar no ensino particular uma boa quantia.

No liceu, o Pedro, frequenta o 3.º ano. Não pagamos nem selos nem propinas. Assim é que está bem. Espero que o Pedro saiba corresponder à oportunidade que lhe é oferecida e à responsabilidade que tem, de representar esta Obra num ambiente que nos tem amado.

Na escola infantil estão dois. São os nossos príncipes!... O Externato Diocesano recebe-os de graça e acarinha-os como ao Senhor do Céu.

Há umas três semanas bateu-nos à porta um rapaz de 17 anos. É o Luis. Muito mal cheiroso. «Vinha ver se o Sr. padre m'arrecebia». Eu tremi. Contou-me uma história negra. Que não tinha ninguém. Que a mãe o enterrara quando pequenino e uma vizinha o desenterrara!... etc.

Averigui. Não era bem assim. A sua história é mais negra do que ele pensa. O Luis já construiu sobre a sua história uma outra pior. É ex-pu-

pilo de uma instituição oficial. É atrasado mental. Não sabe ler, não sabe trabalhar, não se sabe defender. Sabe futebol. Isso sim. Sabe. Quem me dera ter apanhado o Luis aos sete anos!... Quem me dera!... Saber agora ler, mugir as vacas, cuidar do gado, ou mesmo conduzir o tractor! Quem me dera! Assim não sei que fazer. Nós não temos nem capacidade para o ter, nem coragem para o mandar embora! Já me lembrei de ir bater às portas da Assis-

tência Oficial, pelo menos, para que reconheça culpas de forma positiva e vá a Pavia buscar os cinco irmãos que o Luis lá tem: um de cada pai! E lhes dê instrução e educação!

A ti que me leste, eu pergunto: — Não queres entrar nesta guerra pacífica e pacificadora e vires ensinar o Luis a ler? Não achas que nos devemos empenhar totalmente e fazer empenhar toda a gente nesta bela e urgente campanha da educação e da instrução?...

Não digas que não podes. Quando da colheita do nosso arroz, eu observava o trabalho entusiasta dos de nove e dez anos e pensava comigo: — «É para a sua instrução». E animava-me a mim próprio.

Padre Acílio

## Cartas

### MUDANÇAS DE RESIDÊNCIA

«Depois de vários anos na Metrópole, onde continuei a adquirir «O Gaiato», nunca mais me lembrei que deveria ter feito a transferência de morada para Lisboa. Aconteceu, portanto, que cá vim encontrar todos os jornais, muito bem guardadinhos, mas o meu sentimento de culpa é que chegou ao de cima (o que, vamos lá, já é bem bom...). Assim sendo, nesta carta remeto cem escudos moçambicanos para pagamento de assinatura de dois anos, ficando, salvo erro, com mais 4 anos para pagar!!! Brada aos Céus! Prometo, porém, logo que me acusem a recepção destes cem escudos, voltar a remeter outros cem até que fique liquidado o «meu débito vergonhoso!»

Não me ocorre de momento o meu número de sócia, pois mal acabo de ler o jornal remeto-o imediatamente para a Missão, afim dos nossos rapazes o poderem também ler.

Vamos lá ver se nos vamos identificar...

Será que chega?

Até breve, pois aguardo agora que me digam se receberam o dinheiro.

Perdoem a falta cometida e creiam que farei o possível para na próxima vez que mudar de «poiso» comunicar imediatamente.»

### «SE NÃO FOSSEM MEUS AMIGOS...»

«Caros Amigos

Queirám desculpar-me a liberdade com que assim trato a Administração de «O Gaiato»; mas, se não fossem meus amigos não continuavam a enviar-me o vosso jornal depois de me já terem remetido um aviso de atraso de pagamento (este que junto já é o segundo).

Junto lhes envio um vale postal de 100\$. Como não faço contas com a assinatura desse jornal

famoso, peço-lhes que me digam se chega para o que está em atraso, pois se não chegar, envio mais alguma coisa. Se crescer algum troco, ele fica já à conta da minha futura preguiça.

Para meu governo e para eu saber se esta carta lhes vai ser entregue, agradeço que me remetam o postal que junto com a indicação de que receberam o vale.

Boa saúde para os rapazes e para todos os da Casa. Cumprimenta-os o...»

### «A MINHA MESA TAMBÉM É PEQUENINA...»

«Rapaziada Amiga

Junto envio, em vale postal, 500\$00 para pagamento das minhas assinaturas do Famoso que vão de 1955 a 1970. As migalhinhas que daqui sobram fazei delas o que quiserdes, pois a minha mesa também é pequenina, mas a todas as refeições temos Cristo presente e é este Rei dos Reis que nos diz assim baixinho:

«Todas as vezes que puderdes, reparti do que tiveres ou sobrar da tua mesa, com os Pobres, ajuda os teus irmãos que precisam de auxílio!»

Olhai: eu já sou contribuinte para diversas Obras do Porto e aqui em Santo Tirso; minha Mulher doutras, mas muito mais do que eu, que sou um simples Electricista. Minha Mulher é muito generosa, está sempre: «é preciso mandar um donativo» para aqui, para acolá..., para a nossa Igreja, etc.

Bem sei que às vezes coça-se um bocado na cabeça, mas cá vamos arranjando a nossa vida como podemos, com a Graça de Deus.

Agora no fim desta carta ficais a saber que foi minha Mulher que me tocou no coração, para que vos mandasse pagar esta dívida. Ai a tendes saldada.

Espero em Deus pagar-vos em Janeiro de 1971...»

## Cantinho DOS RAPAZES

Não contem nenhuma novidade o aerograma que a seguir dou à estampa. Nem sequer é único na sua espécie. Mas sempre me deixa um especial sabor qualquer comunicação semelhante a esta vinda de um «jovem» como tantos de vós, a dar a tropa no Ultramar. Revivo nele a descoberta que também vós fazeis do nosso Jornal, como mensageiro da «Boa-Nova» para os nossos tempos; e, para vós, um portador de notícias da grande Família, um recoveiro de saudades.

As vezes, temo que um certo sabor de intimidade seja exagerado e desinteresse os leitores. Mas sempre me tranquilizo com o pensar nos laços que também a eles nos ligam, pelo menos à maioria dos que nos acompanham com a inteligência e o coração.

Depois, é tão difícil ser assíduo na correspondência com cada um dos tantos que agora sois ausentes, que tenho de aproveitar esta tribuna e de apelar para que nela considereis a vossa parte muito grande na mensagem de amor que para todos queremos que ela seja.

Vamos, então, ao aerograma:

«Como durante toda a minha comissão o Jornal do Gaiato foi o jornal que me proporcionou um certo prazer na leitura, e foi também um bom companheiro nas horas tristes que temos por cá no Ultramar, assim como também o livro «A Porta Aberta» (Este livro li-o muitas vezes durante a minha comissão e emprestei-o a vários camaradas para eles se deliciarem com a maravilha desse livro), pois quando regressar à Metrópole, tenho como promessa ir fazer uma visita aí à Casa do Gaiato e assistir a uma missa aí na Capela e quando à minha passagem pela Casa do Gaiato, liquidarei todas as minhas contas que eu estou em dívida. Queria que o Senhor Padre me informasse se poderei fazer

essa visita a um domingo e qual o horário da missa aí celebrada para eu poder agradecer a Deus à beira daqueles que para mim foram os meus companheiros através do Jornal. Caso não fosse maçada agradecia que mandasse a informação para a minha direcção da Metrópole.

Peçam a Deus por o meu regresso à Metrópole para que seja feliz e que tenha boa viagem. Sou este que nunca vos esquece, A. M. P.»

Ora cá está: «O Gaiato», como «A Porta Aberta», foram «seus companheiros nas horas tristes que temos cá no Ultramar». Nunca elas faltam, mesmo depois do regresso. Por isso nos fica a esperança de que a boa companhia há-de permanecer, tornar-se um hábito, uma necessidade, aquela parcela de necessidade que caracteriza o verdadeiro amor.

«Li-o muitas vezes e emprestei-o a vários camaradas para se deliciarem...» A paternidade de Pai Américo alargada a esses rapazes apetitosos de Verdade e de Bem, de Justiça e de Amor!

Oxalá que pela vida fora, para tantos de vós, que não foram contemporâneos de Pai Américo, e que, durante tantos anos sob os telhados por ele erguidos, o não conheceram, se não apague mais a delícia que as horas de solidão e de prova proporcionaram — e ele seja para vós, até ao fim, um Cireneu no levar da cruz de cada um.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE